



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

RELATO DA PERFORMANCE/DANÇA TERRA FÉRTIL ou MANUAL PARA NÃO ESQUECERMOS DOS MORTOS

Alexandra Martins Costa

Universidade Federal da Bahia

Resumo: Relato de experiência sobre a performance/dança Terra Fértil. A obra é uma dança para os mortos e surge da necessidade de recordar a morte daquelas pessoas que perderam suas vidas em decorrência da violência estruturante da nossa sociedade. Para tanto, colo sete velas nas minhas costas e danço ao som de um atabaque. Há a necessidade do estar em movimento onde esse corpo tenta se manter “vivo” para não sucumbir à dor, para não cair no esquecimento.

Regras para leitura deste texto em espaços acadêmicos:

- 1) Leia nua. Se mostre crua.
- 2) Imprima o texto e esteja com ele em mãos
- 3) Divida alface com as pessoas presentes
- 4) Coloque velas brancas em cima da mesa
- 5) Acenda as velas
- 6) A cada término de leitura do texto, queime a página no fogo das velas
- 7) Inicie a leitura

Terra Fértil é uma homenagem aos mortos. É por meio dessa energia que me movimento influenciada do efeito de sete velas acesas que estão coladas nas minhas costas. Apresentada desde 2016, essa dança-ritual surge da necessidade de recordar a morte daquelas pessoas que perderam suas vidas em decorrência da violência estruturante da nossa sociedade.

Num mundo cujas manifestações de homofobia, machismo, racismo, especismo, capacitismo e entre outras opressões. Parecem ter cada vez mais menos importância no cotidiano das pessoas, podemos inferir que há um batalhão de mortos em amnésia. Daí a necessidade desse corpo estar sempre em movimento, para que as lembranças dessas mortes estejam ativas, para não sucumbirem à dor e não cair no esquecimento.



(Apresentação durante Encontro Fronteira Sa[n]grada | ARTAUD E SEU DUPLO, em Salvador, 2016. Foto: Izabella Valverde)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O uso constante de velas brancas em atos e manifestações de pessoas assassinadas, como: Luana Barbosa, Marielle Franco, Mestre Moa, os 12 jovens do Cabula e entre outras pessoas, me parecem funcionar como promessas de lembrança de um lugar melhor. Ao mesmo tempo, o uso de velas brancas em rituais religiosos me sinaliza outras finalidades desse material: o de magia e fé. Pois a vela é uma tecnologia ancestral e sua chama é a conexão direta com o mundo espiritual, sendo que a parafina atua como a parte física da vela ou símbolo da vontade, e o pavio a direção.

O bailarino e o coreógrafo japonês Kazuo Ohno, conhecido por sua notoriedade na dança Butô, comumente afirma em suas entrevistas que: “a minha dança é a reza para a vida. O que me faz dançar é o sofrimento que eu carrego dentro do meu coração”. Para ele, vida e morte são inseparáveis e estão juntas enquanto ele dança.



(Apresentação durante Encontro Fronteira Sa[n]grada | ARTAUD E SEU DUPLO, em Salvador, 2016. Foto: Izabella Valverde)

Suas grandes inspirações estavam em torno desses dilemas sobre origem da vida e da

morte, a relação entre mãe e filho e, assim, sua própria mãe e seus ancestrais. Acreditava em uma conexão forte entre esses elementos que o motivavam a dançar, e motivam também todo o universo, pois desde o nascimento há um conflito entre vida e morte.

Está tudo ali nesse corpo que carrega velas nas costas enquanto roda e gira com os pés e mãos no chão. No decorrer que a cera vai atingindo a minha pele, esse corpo se contorce, respira mais profundamente e as vezes segura choros e gritos.

Vou adquirindo outro status: de corpo-humano para corpo-natureza. E assim, integrando um movimento corporal que se aproxima do arquétipo dos animais, sinto que só me resta babar e um som rouco da garganta saí como um grito nunca dito antes. E me torno uma espécie de monstro que das vezes que a cabeça sobe no ar, é como se comesse nuvens e rodopio até não aquecer mais. O corpo entra no avesso e de pés no chão e mão nas nuvens, me porto em pé num equilíbrio ainda desequilibrante e saio do local.

Outra obra do qual dialogo é Vulto da dançarina Larissa Ferreira. A performance/dança já foi apresentada em Salvador e no Teatro de Helsinki/Finlândia, em Junho, 2011

A ação consiste no vulto do corpo

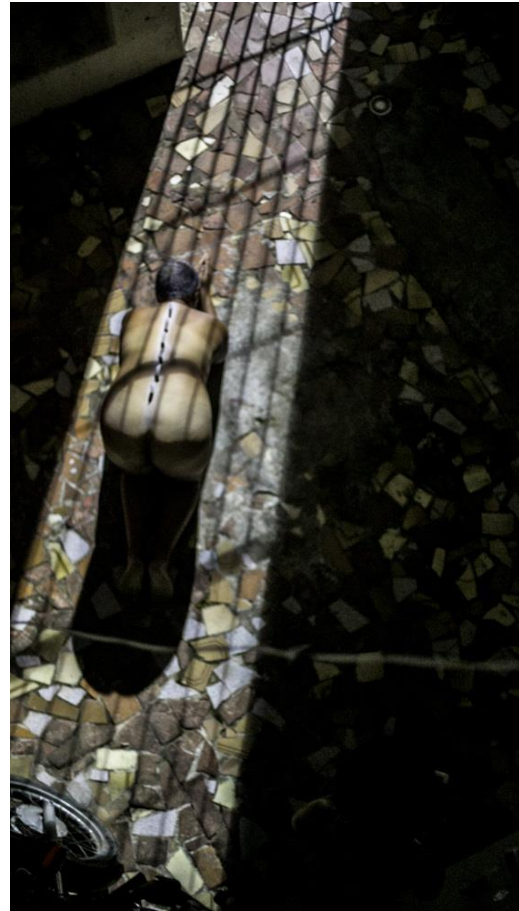


XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

luminoso que caminha silenciosamente a passos de uma procissão. Estou vestida com uma saia-gambiarra composta por aproximadamente 100 velas; o corpo ritualiza-se com a flama e percorre as ruas. Se o fogo opera uma transubstanciação que modifica ele mesmo e a matéria que ele queima, esse corpo também passa por uma transubstanciação; ateado, aceso, inflamado, incorporado. Duração: 40 minutos (Retirado do blog da artista)

É quando assumo um caráter espiritual, como elemento composicional dessa dança/ritual/ode à vida, mas também a morte. Que compreendo como a chama dessas velas, para além de iluminar as pessoas em volta, também carregam todas as forças do universo. E as costas pesam. Assim como a cabeça e a língua pesam.



(Apresentação durante Acasas: Plataforma de apresentações artísticas em casas, em Salvador, 2017
Fotos: Levi Barbosa)

Feridas

Outro processo muito importante (e curioso) que me aconteceu nas apresentações de 2018 foi o surgimento de feridas nos ensaios que antecederam as apresentações na Casa Rosada¹.

Quando as sete velas são retiradas da pele, é possível sentir e ver que deixam grandes buracos nos pequenos poros. E aquilo que comumente vemos como ruína, de um corpo

¹Durante o mês de outubro estive apresentando esse solo na residência artística da Casa Rosada. A iniciativa consistiu em

convidar artistas da cidade para realizarem seus trabalhos dentro de uma casa e a partir da interação de outros artistas.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

machucado. Passei a enxergar como escavações de mim mesma porque agem como incessantes saídas de uma fronteira que separa esse corpo-aqui-dentro de um corpo-lá-fora.

Num primeiro momento um susto tomou conta de mim porque nunca havia dito machucados nos processos de apresentação e preparação dessa dança. No entanto, sabia que meu corpo sinalizava algo e precisava parar e ouvir atentamente o que acontecia ao meu redor. Dei dois passos para trás, comecei uma (re)educação alimentar, fazer exercícios regulares, acupuntura e até terapia.

Apreendi que a base estava na respiração e que precisava trabalhar esse ponto para dar a sustentação necessária de um corpo consciente que podia ir.

Abismo da superfície da pele que constantemente me lembra que as velas ainda estão presentes, mas agora queimando por dentro e na memória do corpo.

Assumi as cicatrizes como um mapa que me cartografava uma história. Me sentia desafiada com a presença invisível daquelas velas que modificavam os movimentos do meu corpo, meu modo de sentar, o tempo de contato com as roupas, com as pessoas. Modificaram meu sexo, o tempo e peso dos abraços, minhas posições preferidas na masturbação são agora colocadas em cheque porque eu continuo não dançando. Eu sou dançada.

Corpo que planta com pés as plantas dos pés e faz com que tudo vire raiz. Inclusive, eu.

Corpo/árvore/raiz/chão/pé/dança/vento

De uma coluna que

forma

deforma

dê forma

Sentir ser levada

Sentir ser (e)levada

Sentir ser leve como a água

Sentir ser pesada como a água

ODE À VIDA, ODE À MORTE

Na ocasião da criação deste trabalho, já estava desenvolvendo pesquisas no campo da comicidade e compreendendo esse outro gênero artístico como (mais uma) potência artística e do corpo.

No ano do surgimento desta dança, 2016, surge também meu interesse pela palhaçaria onde tenho me debruçado e investido dinheiro e tempo nessa arte por compreender que se trata de mais um caminho de autoconhecimento na busca de minha palhaça interior na base da entrega e da confiança.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas



(Apresentação durante mês de outubro, no Corpo em Casa, em Salvador, 2018. Foto: Ravena Maia)

Trago a palhaçaria para relatar uma experiência interessante: nas ocasiões do ensaio da Casa Rosada, senti que passava muito mal após as apresentações e isso foi me trazendo uma agonia interior. Até o momento não sabia, mas meu maior desafio era compreender como morte e vida/ alegria e tristeza poderiam se equilibrar para realizar essa dança.

Em termos poéticos, era compreender que as velas quando acessas, eram meu nariz vermelho e como esses elementos são a gasolina para meu corpo. E assim, depois de quase 5 meses de pesquisa, estudo, meditação, alguns bons machucados na pele e dedicação, consegui equilibrar essa energia e toda vez que apresentava essa dança, ao final, ela não era mais um sofrimento.

Havia descoberto que, assim como ciclos básico de existência e de (re)existência, eu só posso compartilhar a morte porque estou viva. Uma questão que me acompanhava desde

então era sincronizar morte e a vida sem que eu as veja como oposição, mas que uma carregue e recarregue a outra.

Danço o que me inquieta e aquilo que estou sentindo. Danço aquilo que me olha e me faz várias perguntas.

CONCLUSÃO

Por fim, sei ainda que todas essas palavras escritas são em vão porque tento tomar a palavra (matéria da página escrita) diante de uma pele que fala mais alto. Pois após a dança, quando o corpo vivo não aquece mais tanta vida.

Neste processo, tenho descoberto o que pode o meu corpo, que pode distensionar da mente aos pés a partir da confiança, da entrega, da permissão. Pois na medida que a cera vai caindo na minha pele e causando certa dor, esse corpo-humano vai se animalizando e virando um corpo-natureza.